



O restabelecer dos vínculos entre a ciência, escola e a comunidade através do pensamento complexo

Paulino Eidt*, Ortenila Sopelsa**
Universidade do Oeste de Santa Catarina, Brasil.

Resumo

A agonia planetária é efeito e produto do paradigma cartesiano e da solidez que adquiriu ao longo do tempo. O presente artigo se propõe, por meio de um estudo teórico, a compreender o ser humano e a educação mediante a complexidade. Nesta acepção, é necessário pensar o conhecimento como algo inseparável da vida, já que este permite vivenciar a experiência de ressignificar os sentidos e contribui para semear a reflexão sobre uma educação que possa integrar o Ser e o Saber. O *saber tem historicidade*. As pessoas são frutos do movimento histórico e do espaço geográfico e cultural onde nasceram e vivem. Enraizados num conjunto de tradições históricas preexistentes, o ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes dele tenham consciência. O Conhecimento e o saber emergem da tradição. Resultados apontam que a religação dos saberes na escola perpassa necessariamente pela reflexão acerca do saber transmitido pela tradição e pela interação entre os indivíduos.

Palavras Chave: Vida; tradição; religação dos saberes; complexidade

Introdução

Compreender que o ser humano se constitui culturalmente a partir das relações que estabelece é entender que a educação não formal representa uma ação importante na formação do indivíduo, pois favorece a socialização e a troca de experiências. O processo de conhecimento consolida-se a partir de informações com valor agregado, assimiladas pelos indivíduos ou pelas organizações, incorporadas às experiências e saberes construídos sistematicamente. Repensar a educação em moldes menos especializados e fragmentados, talvez implique um panorama inicial, de deixar cair a camisa de força, já tão amarrada em nosso ser e testemunhar o próprio compromisso, de mesmo em um cenário muitas vezes desestimulador e enfraquecido, conseguir sentir que é pela educação que pode acontecer a experiência viva da transformação. Charles Snow (1995, p. 72), ao referir-se à incomunicabilidade das ciências e das humanidades, evidenciou que “quando esses dois sentidos se desenvolvem separados, nenhuma sociedade é capaz de pensar com sabedoria.” Defendemos uma reaproximação entre a comunidade e a escola. Quanto

mais refletimos e tentamos entender as derrotas da educação, mais próximos ficam propostas de engajamento da comunidade e escola. Um dos pressupostos defendidos por Paulo Freire (1996) corresponde ao ideal de que todos aqueles e aquelas que compõem a comunidade escolar – gestores, professores, funcionários de apoio, estudantes, familiares e comunidade do entorno – participem de forma democrática dos processos de elaboração e de tomada de decisão em relação aos rumos da gestão administrativa e pedagógica da escola. Nesta acepção, é fundamental na criação de condições para que as pessoas se tornem sujeitos de sua própria história.

A presente escritura apresenta reflexões em três categorias de análise: a primeira enfatiza a importância da autonomia da inovação, das heranças simbólicas, das habilidades múltiplas e da capacidade criativa do ser humano. Constitui-se numa reflexão é acerca do saber transmitido pela tradição e pela interação entre os indivíduos. Portanto, realça o respeito pela individualidade do educando e pelo saber historicamente construído. A segunda categoria destaca a importância na relação escola e comunidade sobretudo no sentido de pactuar para resolver problemas específicos da educação e, por fim a última categoria apresenta reflexões no campo da complexidade e da religação dos saberes, dentro do contexto da escola e comunidade.

Conhecimento: Transmissão e Herança?

As práticas de educação dos filhos são transmitidas de geração em geração através de tradições familiares, que só são questionadas quando outros grupos ou instituições sociais confrontam seus saberes e práticas com as práticas familiares. Existem as práticas sociais institucionais e práticas geradas pela convivência cotidiana e comunitária. As duas formas exercem papel importante na criação e transmissão do conhecimento. A valorização exasperada dos saberes científico e tecnológico subordinou outros saberes. Assmann (1998) enfatiza que a possibilidades de relacionar intimamente o potencial inovador do conhecimento com a própria essência criativa da vida foi determinante para a sobrevivência Humana. Assim para se manter vivo, independentemente das circunstâncias foi preciso criar e inovar.

As pessoas estão inseridas na sociedade por meio das relações que desenvolvem durante toda sua vida. Assim

Estudo vinculado ao projeto de pesquisa: “Estratégias e ações multidisciplinares nas áreas de conhecimentos das ciências humanas, ciências da natureza e linguagens, na mesorregião do oeste catarinense: implicações na qualidade da educação básica”.

Correspondência: Paulino Edit: paulino.eidt@unoesc.edu.br

Selección y *peer-review* bajo responsabilidad del Grupo de Investigación G000422-GIPDAE, Universidade da Coruña, España.

no âmbito familiar, na escola, no local de moradia e do trabalho processam e fortalecem estas relações na esfera social. As redes sociais, segundo Marteleto (2001, p.72), representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. O que se percebe mais intensamente no limiar do século XXI que as redes sociais ultrapassaram o limite físico/geográfico, conquistando e ganhando espaço em outras esferas. E podemos observar esse movimento chegando à Internet e conquistando cada vez mais adeptos, aglutinando pessoas com objetivos específicos.

O Conhecimento e as interações Sociais

Através da relação de dependência com o meio natural e pela busca da sobrevivência que o homem se tornou inovador. A capacidade de criar e de achar novas respostas para seus problemas, foi decisiva para a sobrevivência da espécie humana. A interação entre seres humanos e natureza vem desde o início da civilização. Com sua capacidade criativa, sobreviveu porque sempre houve mais princípios de inclusão do que de desprezo e exclusão. Neste particular, catástrofes naturais, doenças epidêmicas, guerras e migrações são momentos de desespero humano ao mesmo tempo em que se constituem em oportunidades de criação. Vivendo em sociedade, os seres humanos aprenderam a conviver com as demais pessoas, a interagir com a natureza e achar alternativas para seus problemas. Os adultos, muitos não escolarizados são portadores de saberes, que adquirem ao longo do seu percurso de vida e lhes garantiram a inserção no contexto familiar, profissional e social. A transmissão do conhecimento e informação sempre foi altamente contextualizada – uma aprendizagem experiencial em estreita ligação com a ação. Trata-se normalmente de conhecimentos resultantes da tradição oral. Nesse entendimento “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes do estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (FREIRE, 1989, p. 43)”.

O efeito cumulativo da cultura se expressa em cada novo invento e descoberta. O processo de conhecimento consolida-se a partir de informações com valor agregado, assimiladas pelos indivíduos ou pelas organizações, incorporadas às experiências e saberes anteriores, conduzindo à ação. Compreender que o ser humano se constitui culturalmente a partir das relações que estabelece também é entender que a educação não formal representa uma ação importante na formação do indivíduo, pois favorece a socialização e a troca de experiências. Assim, a ciência é tratada como uma atividade que se estabelece nas relações existentes entre os indivíduos e a sociedade. A ideia de redes nas ciências sociais é aplicada à sociedade como um conjunto de relações e funções desempenhado pelas

pessoas umas em relação às outras. “Como característica das sociedades complexas, cada associação de seres humanos funciona de maneira muito específica, o que cria uma dependência funcional entre os indivíduos”. Os vínculos entre estes indivíduos se fazem ininterruptamente, são ligações invisíveis, porém reais (MARTELETO, 2000, p.78). Para Gohn: “Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, local onde há processos interativos intencionais [...] Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes (2006, p.29)”.

O caráter horizontal dos saberes sociais que se criam nas relações humanas, assume toda sua potência no momento de crise do sistema formalizado de ensino. Conforme Fritjot Capra (1996, p. 28): “Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências”. Dentro dessa evolução, o homem descobriu que somos seres totalmente dependentes uns dos outros e do meio natural, os acontecimentos estão interligados, tudo acontece como uma teia de relações. Na prática social, cada uma das pessoas possui muitos círculos de relacionamento. Elas perpassam os momentos da vida social, mas praticamente não se dão a ver – são o conjunto de ‘conexões ocultas’, nas palavras de Capra (1996). Assim, redes, durante quase todo o tempo, são estruturas invisíveis, informais, tácitas. Castells sugere que na sociedade em rede emerge uma oposição fundamental entre duas lógicas espaciais, a do espaço de fluxos e a do espaço dos lugares: “O espaço de fluxos organiza a simultaneidade das práticas sociais a distância, por meio de sistemas de informação e telecomunicações. O espaço de lugares privilegia a interação social e organização institucional tendo por base a contigüidade física. [...] a ênfase dada pelos ecologistas à localidade e espaços de existência constitui um desafio aos mecanismos básicos do novo sistema de poder (CASTELLS, 2002, p. 156)”.

Nas redes sociais prevalece uma linguagem e uma cultura comuns, oriundas dos próprios interesses. Quanto mais próximas, cultural e socialmente, o compartilhamento e a troca possui maior reciprocidade. Linguagem comum, confiança e interação são condições indispensáveis para a transferência do conhecimento no interior dos grupos sociais. Nesse entendimento os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais. A educação não formal possui um sentido e significado no campo da educação visando à transformação da realidade social. É mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Por fim, a educação não formal, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência. Quanto mais rica a vivência sociocultural

proporcionada a uma pessoa, maior a capacidade lingüística, verbal e simbólica que ela será capaz de adquirir e maior o acervo cognitivo de percepções sensoriais que ela poderá acumular, sem ser necessariamente na escola.

Escola e Comunidade na relação com o Conhecimento

O Conhecimento Emprestado

“A maioria esmagadora dos elementos em qualquer cultura resultam do empréstimo”, afirma Murdock (1972, p. 299). Dado o avanço dos meios de comunicação e dos transportes, os empréstimos são cada vez mais universais. De acordo com Milton Santos (1996, p.113) “Nossa época recria a ignorância”. O conhecimento e sua produção não tem sido mais tarefa da maioria. Através da tecnociência, o homem, de um ser criador se transformou em um mero reprodutor do conhecimento. Reprodução esta, que a escola formal se propõe, pois, de acordo com Guareschi (1986, p. 72) “[...] indiretamente a escola serve à reprodução das relações de produção, principalmente à relação de dominação”. O conhecimento amplo e abrangente e os múltiplos saberes, gradativamente, transformaram-se em um único saber que, de acordo com Guareschi (1986, p.76) “trata as pessoas como objetos que devem ser ensinados, padronizadamente, dentro dum saber objetivo, transmissível do mesmo modo”. Edgar Morin (2003, p. 218) afirma: “Estou entre os que pensam que os desenvolvimentos técnicos e econômicos de nossa civilização estão ligados a um subdesenvolvimento psíquico e moral”. O avanço fulgurante da tecnociência e da hiper-especialização ocultou violentamente o conhecimento genérico do homem natural. O avanço tecnológico é de suma importância num universo onde o crescimento demográfico é muito alto, no entanto, a criatividade da maioria não pode ser cerceada pela ciência monopolizada e institucionalizada. Michel Serres (2004, p.91) destaca: “Minha utopia é que os cientistas do mundo partilhem suas habilidades com os camponeses do mundo”.

Escola e Comunidade: Uma relação necessária

Numa sociedade globalizada é difícil se pensar numa comunidade que se limite aos arredores da escola, consideramos que é nesse espaço que se apresentam as particularidades do grupo de alunos que a frequentam. Escola não pode desconsiderar o contexto social. Hipotetizamos que o entorno escolar ainda possui seu poder de marcar fortemente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) - Temas Transversais - (BRASIL, 1998), apontam a necessidade desta relação: “[...] mostrar a importância da participação da comunidade na escola, de forma que o conhecimento apreendido gere maior compreensão, integração e inserção do mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade – cidadãos - desde o primeiro dia de sua escolaridade. (BRASIL, 1998, p. 10)”. A comunidade escolar toma as decisões sobre o que ensinar. O ato de ensinar representa ressignificar

conhecimentos com base na realidade histórica, pessoal, social e existencial dos alunos. A construção de novos saberes, considera o contexto social e a tradição da comunidade. Nesse entendimento o professor aproxima os conteúdos da realidade vivida. No bojo dessa prerrogativa, a proposta pedagógica possuía elementos significativos do grande educador brasileiro Paulo Freire (2003, p. 47) no que se refere à escolha dos conteúdos “Ensinar exige respeito aos saberes do Educando”. A proposta pedagógica, pautada na vivência do educando e na tradição da comunidade, é um processo onde o professor e o aluno não se reduzem à condição de objeto um do outro. O conteúdo escolar passa a ser um prolongamento dos saberes sociais já incitados pela família e comunidade.

A crise na educação formal pode nos levar a reflexão, pois nos remete analisá-la como um momento de desafio, morte ou oportunidade de investigação. Uma das expressões mais claras de crise é a perda do senso comum, não contrapondo o saber científico, mas como falta de significações partilhadas por uma comunidade. Desta maneira a crise deferida sobre a educação pode se fazer sentir pelo comportamento de muitas pessoas que se recusam a manter com as gerações passadas um vínculo de conservação das tradições. É, pois, nesses momentos que a crise vem a tona, pois todas as respostas comuns, parecem desaparecer, e o passado não oferece mais um sentido **pré-estabelecido** e seguro para o mundo. Parafrazeando Arendt (2004), cada bebê que nasce deve ser enraizado num conjunto de tradições históricas preexistente, na qual a educação tem a tarefa de acolher os recém-chegados no mundo que os antecede e que tem uma história, uma cultura, linguagens comuns, modos de viver e conviver. Desse modo destaca-se que: “[...] na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta [...] a condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. (ARENDRT, 2004, p.17)”.

Sendo assim, educar é introduzir as crianças num mundo que é mais velho de que elas. Esse lugar que é fruto do trabalho e da ação humana e que precisa de cada nova geração para ser continuado e transformado. Do mesmo modo, ao se apropriarem dessa herança, as crianças compreendem que esse legado é também seu e que a este deverão dar continuidade. A geração mais nova é fruto do movimento histórico e do espaço geográfico e cultural onde nasceram e vivem: “[...] uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõem a ser ultrapassado por outro amanhã. “Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente”. (FREIRE, 1997, p.31)”.

Assim, o homem, necessita do mundo, porque somente nesse palco especificamente humano a sua existência pode adquirir um sentido.

O pensamento Complexo: Restabelecer os Vínculos com a Vida

A ciência avançou significativamente no século XX e acabou monopolizando “a criação do novo”. Neste princípio do século XXI, a massificação cultural, conduz a resignação do homem moderno e implica na destruição dos valores e conhecimentos locais e regionais transmitidos pela tradição. É nesse sentido que a educação tem papel fundamental nesse processo, pois é responsável pelas crianças e também pelo mundo. Assim, sua tarefa é resguardá-lo do esquecimento e capacitar às crianças para que possam futuramente, cuidar dele: “Informar e instruir acerca de saberes já acumulados pela humanidade é um aspecto importante da escola, que deve ser, neste aspecto, uma central de serviços qualificados. Mas a experiência de aprendizagem implica, além da instrução informativa, a reinvenção e construção personalizada do conhecimento. E nisso o prazer representa uma dimensão-chave. Reencantar a educação significa colocar a ênfase numa visão da ação educativa como ensinamento e produção de experiências de aprendizagem. (ASSMANN, 1998, p.29)”.

Portanto, educar não é apenas contribuir para a aquisição de conhecimentos, competências e habilidades, certamente necessários, mas é principalmente preparar as crianças para sua participação num mundo comum: “Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os quais nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os quais se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. (ARENDDT, 2004, p.62)”. Conforme Arendt (2004) a tarefa da educação é justamente a de apresentar crianças o mundo e suas ligações com outras gerações. Nessa direção, Cagliari (2005, p.174-175) diz: “A escola deve acompanhar a evolução do mundo, mas ela é também uma guardiã da tradição”.

Nesse entendimento, a educação é um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida humana e em diferentes contextos, quer seja pelo ensino formal, vinculados à escola, quer seja pela aprendizagem não formal, proporcionada pela família, comunidade, igreja, meio social e outros. Deste modo, o que se faz refletir, e quanto à educação que se aprende na escola (formal), e a que se aprende na vida, com os pais, com a experiência cotidiana de trabalho (não formal). Como medir estes dois saberes na escola, é um desafio: “Estamos vendo é uma mudança de paradigmas que está ocorrendo não apenas no âmbito da ciência, mas também na arena social, em proporções ainda mais amplas. Para analisar essa transformação cultural [...] de um paradigma científico até obter um paradigma social, que defino como uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza. (CAPRA, 1996, p.24-25)”.

Partindo desta reflexão, passamos a adentrar ao campo educativo, que carrega consigo o paradigma cartesiano

que, ao separar sujeito/objeto, desencadeou também o rompimento do ser humano/natureza, e, conseqüentemente, vida/conhecimento, abrindo uma fenda na identidade humana terrena. Nas palavras de Morin (2008, p. 270), “o paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada um com sua esfera própria; a filosofia e pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro. Essa dissociação se prolonga, atravessando o universo de um lado a outro.” O pensamento cartesiano foi tão forte durante a modernidade que ainda hoje pensamos de forma dicotômica, separando corpo e mente, razão e emoção. Ainda, a concepção racionalista e mecanicista separou e desligou o ser humano das teias da vida que os constituem.

Sobre o campo da Educação, Morin (2005, p. 46) assinala que “[...] nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não a ligar os conhecimentos, e portanto nos faz conceber nossa humanidade de forma insular, fora do cosmos que nos cerca e da matéria física com que somos constituídos.” Dessa forma, a educação no cenário pós-moderno se apresenta com uma visível fragilidade, na qual o ser humano enfrenta diariamente os mecanismos do poder que não consegue suprimir. Além do mais, o discurso pedagógico parece estar camuflado pela falência das metanarrativas, que de forma demasiada promove a impossibilidade de romper com as marcas de um modelo elitista e competitivo.

No *front* da sala de aula, a adoção de um currículo engessado e descontextualizado, consolidado pelo formalismo racionalista, coloca parte dos professores frente a uma encruzilhada e na desordem. Agregam inquietações individuais nascidas das incertezas do seu papel de educadores e de medos provocados pela ameaça de trair o novo que se apresenta. Na concepção de Cornelius Castoriadis (1996), não se trata, apenas, de uma insignificância na cultura ou na política, mas também no pensamento e nos pensadores acometidos pelo conformismo e pela apatia, incapazes de enxergarem para além dos contornos do infinitamente pequeno, especialistas nos fragmentos do corpo, da alma, da sociedade, da mente. Para Castoriadis, torna-se prioritário desentranhar forças psíquicas capazes de bater de frente no progresso instrumental que impede a emergência de uma criação imaginária. Momentos de crise são também momentos de possibilidades. A educação exige intelectuais polivalentes, universalistas e éticos, que enfrentem com vigor e determinação as contradições do cenário planetário contemporâneo. Assim, o grande desafio contemporâneo está em restabelecer os vínculos com a vida e o conhecimento, ignorados no processo evolutivo do pensamento científico.

Para Morin, a religação “[...] é uma necessidade vital para o pensamento, para o desabrochar dos seres humanos que precisam de amizade e de amor e que, sem isso definham e se amarguram.” (PENA-VEGA; ALMEIDA; PETRAGLIA, 2003, p. 53). Desse modo, religar é essencialmente necessário para superar o saber hiperespecializado e fechado, e nos coloca a refletir a educação desde a perspectiva da complexidade, local de

conexões e interdependências, espaço onde valores se relacionam com o meio ambiente, a ética, a humanização, ou seja, a tarefa do pensamento complexo é, em suma, desafiador, no entanto, essencial à prática humana, que busca dar um novo rumo à humanidade.

Nas palavras de Morin, “o conhecimento complexo conduz ao modo de pensar complexo, e esse modo de pensar complexo, ele mesmo, tem prolongamentos éticos e existenciais.” (CASTRO; CARVALHO; ALMEIDA, 2006, p. 18). Assim, a complexidade vem como uma alternativa, cujo fluido transformador apresenta a possibilidade de unir o que está separado, de religar o que está desconectado. Fica salientado, portanto, o quão necessário é pensar a ação educacional na perspectiva da complexidade, pois permite uma reforma no pensamento, abrindo horizontes que reforçam o convite a viver de maneira solidária e ética, resgatando os valores e redescobrimo a experiência fundante da interdependência. Essa maneira de olhar é verdadeiramente uma arte de conhecimento que requer, acima de tudo, intuição intelectual. Somente assim será possível voltar a reconhecer que a totalidade nunca será capturada pela soma das partes, porque implica sempre a interconexão contraditória e indeterminada de todos os eventos.

Nesta dinâmica, compreender o ser humano no ponto de vista da complexidade é percebê-lo em sua multidimensionalidade, compreendendo que já não cabem seres humanos mecânicos, fazedores e submissos, e, para tanto, urge a necessidade de um ser humano mais conectado a si mesmo, que aceite e reconheça o outro em sua legitimidade e diversidade. Assim, a complexidade, vista como um processo dinâmico de interconexões, reconfigura não somente a dinâmica educacional, mas todos os ambientes que procuram e apostam novas perspectivas de um conviver mais aberto, solidário, digno, humanizado e dialógico. Todavia, essa aposta exige superar o pensamento fragmentário, excludente e simplificador. Perceber a importância da complexidade é, também, vislumbrar um caminho que possibilite reconhecer o ser humano como alguém que ainda tem muito a aprender. Também, requer acreditar num ser humano que assuma prazerosamente o compromisso de perceber na pluralidade humana a manifestação mais bonita de si mesmo. De tal modo, “o desafio que se impõe à educação é o da reconstrução do ser humano, o que só pode ser feito na medida em que ela abre espaço [...] para a transcendência, a abertura, o respeito para com a Alteridade.” (SILVA, 2014, p. 87). Diante do exposto, merece destaque particular a compreensão de que a abertura para com outro não deve ou pode ser algo forjado ou, até mesmo, imposto, e, para tanto, torna-se urgente uma nova epistemologia, capaz de construir novas formas de ser e de estar no mundo. Jonas (1999, p. 415) defende que assumamos a necessidade da temperança antes que seja tarde demais. “Nós podemos até chegar a reduzir a extensão da voragem e voltar a viver com menos, antes que um esgotamento catastrófico ou a poluição do planeta nos constriam a algo pior que a temperança.”

Acreditamos na não linearidade da cultura e a volta da complexidade irá permitir uma convivência harmoniosa e integradora com os sentidos da vida e processo de conhecimento, se provocar, num sentido positivo, a desestabilização das certezas absolutas e propiciar a mais profunda necessidade humana de recultivar a sementeira da sensibilidade, da esperança, da reflexão, do questionamento perturbador, da pluralidade, enfim, de nutrientes que alimentem a humanidade, permitindo que a existência evolutiva da vida possa se revitalizar, sendo capaz de brotar um pensamento solidário que reúna e que integra o ser humano ao conhecimento, possibilitando, dessa maneira, reencontrar-se com o significado perdido ao longo da trajetória do pensamento. Conforme Libâneo (2003, p.117): “Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todo o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos”. Portanto, a escola deve ter como objetivo primeiro o desenvolvimento de potencialidades por meio da aprendizagem significativa, que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada. Assim, o papel da educação é fazer do ambiente educativo, um meio que favoreça o aprendizado, e não apenas um lugar que possibilite um ponto de encontro, e passe a ser, além disso, encontro com o saber e as descobertas.

Considerações finais

O Ser Humano historicamente se mostrou criador e inovador. O saber tem historicidade. As pessoas são frutos do movimento histórico e do espaço geográfico e cultural onde nasceram e vivem. Enraizados num conjunto de tradições históricas preexistentes o ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que na maioria das vezes, os próprios participantes dele tenham consciência. O Conhecimento e o saber emergem da tradição. Nesta educação, os agentes educadores são os pais, a família, os amigos, vizinhos, colegas de escola, os meios de comunicação, etc. A pesquisa teórica demonstrou a importância da autonomia, da inovação, das heranças simbólicas, das habilidades múltiplas e da capacidade criativa do ser humano.

Constitui-se numa reflexão é acerca do saber transmitido pela tradição e pela interação entre os indivíduos. A pesquisa gerou uma infinidade de questionamentos e reflexões. Em virtude dos fatos levantados, certamente não esgotamos o debate em torno do tema. O presente estudo é epistemológico, e, portanto pode ser percebido sob vários focos de luzes. O pesquisador está fadado a não encontrar respostas definitivas; desta forma novas dúvidas pairam no espírito de qualquer investigador. Com certeza, novos estudos acontecerão sacramentando a ideia do caráter inacabado do conhecimento.

Referências

ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 251 p.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental; *Parâmetros Curriculares Nacionais*; terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2005. 191 p.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Editora Cultrix LMTD, 1996.
- CASTRO, Gustavo de; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição (Org.). *Ensaio de complexidade*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 530 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2).
- CASTORIADIS, C. *La montée de l'insignifiance. Les carrefours du labyrinthe IV*. Paris: Seuil, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997. 165 p.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 7. ed. São Paulo: Paz e terra, 2000.
- _____. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2003.
- GONH, Maria da Glória. *Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. pol. publ. Educ. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, Jan/ Mar.2006. Disponível em: www.proceedings.scielo.br/scielo.php. Acesso em 10 Nov. de 2010
- GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. 9. ed. Porto Alegre: 1986. Mundo Jovem, 124 p. (v. 2 Cadernos emejota;).
- LIBÂNEO, José Carlos. 1945-; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza SEABRA. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.
- JONAS, H. *Le principe responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*. Tradução Jean Greisch. Paris: Flammarion, 1990.
- MARTELETO, Regina Maria. *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. *Ciência da Informação*, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MORIN, Edgar. *O método IV. As ideias*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. *Terra-pátria*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MURDOCK, George Peter. *Como a Cultura se Modifica*. In: SHAPIRO, Harry. *Homem Cultura e Sociedade*. Editora Fundo de Cultura: Portugal, 1972.
- PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S.; PETRAGLIA, Isabel (Org.). *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez: 2003.
- OLIVEIRA, Maria Waldenez; STOTZ, Eduardo Navarro, (2004). *Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico*. *Anais da 27ª reunião da ANPED*. (CD ROM).
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo, globalização e meio-técnico científico informacional*, São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SERRES Michel. *Hominescências: futuro de uma outra humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Tradução de Edgard de Assis Carvalho/Mariza Perassi Bosco.
- SILVA, Davi José de Souza da. *Apontamentos sobre a experiência do outro, amizade e solidariedade em H. G. Gadamer*. *Peri*, v. 6, n. 1, p. 77-98, 2014.
- SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura*. Tradução Geraldo G. de Souza/Renato de A. Rezende. São Paulo: Edusp, 1995.